

Sobre nós: os livros, as leituras e os leitores do *Manual da paixão solitária*

About links and us: books, readings and readers of Manual da Paixão Solitária

Juliana Pádua Silva Medeiros

Doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0287-978X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7162327079457541>

E-mail: julianapadua81@gmail.com

Jussane Cristine Orlandeli Pavan

Doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3990-8238>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6404349553652385>

E-mail: jussane.pavan.jp@gmail.com

Resumo

O presente ensaio tem como objetivo analisar "Manual da paixão solitária", de Moacyr Scliar, em relação a três aspectos: o livro enquanto materialidade (diferentes suportes e formatos); a leitura tanto na perspectiva das nossas impressões pessoais acerca da obra (experiência literária) quanto das construções de sentidos (processamento textual); o leitor apresentado no enredo (representações) e a partir de práticas leitoras do livro em questão (perfis). Para tal análise, utilizamos contribuições teóricas de Calvino (1990), Chartier (2008), Kleiman (2009), Larrosa (2015), Santaella (2004) e Wandelli (2003).

Palavras-chave: Romance. Hipertextualidade. Moacyr Scliar.

Abstract

This essay purposes to analyze three aspects of "Manual of solitary passion", by Moacyr Scliar. First, is materiality (different supports and formats); second one is reading both from our personal perspective impressions about the work (literary experience) and third one is the meaning construction (textual processing); where the reader is presented in the plot (representations) and from where it practices its book's question reflections (profiles). To sustain and contribute this analysis, we used some important theoretical such as Calvino (1990), Chartier (2008), Kleiman (2009), Larrosa (2015), Santaella (2004) and Wandelli (2003).

Keywords: Romance. Hypertextuality. Moacyr Scliar.

Data de submissão: 25/02/2020 | Data de aprovação: 29/04/2020

1 Introdução

O presente ensaio tem como objetivo analisar *Manual da paixão solitária*, de Moacyr Scliar, em relação a três aspectos: o **livro** enquanto materialidade (diferentes suportes e formatos); a **leitura** tanto na perspectiva das nossas impressões pessoais acerca da obra (experiência literária) quanto das construções de sentidos (processamento textual); o **leitor** apresentado no enredo (representações) e a partir de práticas leitoras do livro em questão (perfis). Para tal análise, utilizamos contribuições teóricas de Calvino (1990), Chartier (2008), Kleiman (2009), Larrosa (2015), Santaella (2004) e Wandelli (2003).

Manual da paixão solitária, de Moacyr Scliar, publicado pela Companhia das Letras em 2008 e vencedor do Prêmio Jabuti em 2009 na categoria Ficção, conta a história de um congresso que tem como principal eixo de discussão o capítulo 38 do livro *Gênesis*. A referida passagem bíblica é bem pequena e narra as (des)venturas de Judá e de seus três filhos: Er, Onan e Shelá.

Judá prepara o casamento do primogênito Er com uma moça de importante família local, Tamar. O enlace ocorre, mas Er desagrade ao Senhor e por isso morre. Com essa morte, é função de Onan exercer o papel de provedor de filhos e continuar a linhagem da família, porém o rapaz não quer preencher o espaço do irmão morto e, nas relações sexuais com Tamar, despeja seu sêmen na terra. Por esse feito, Deus o pune e ele também morre. Consequentemente, seria a vez de Shelá salvar a honra da família, mas - por ser muito novo - seu pai pede que Tamar aguarde a maioridade do garoto. Mesmo quando ele alcança a idade apropriada, Judá não promove o casamento entre os dois. Cansada de esperar e em busca de justiça, Tamar arma um plano e consegue engravidar do próprio patriarca Judá.

A partir das discussões possíveis desse capítulo da Bíblia, a obra de Scliar desenrola-se. A trama gira em torno de um evento acadêmico em que o famoso professor universitário Haroldo se propõe a apresentar um manuscrito produzido pelo filho mais novo de Judá, Shelá. Tal documento é lido em primeira pessoa - por esse renomado palestrante - para um grande público¹. Contudo, já no final da leitura, uma colega de profissão e ex-aluna, Diana, que não compartilha das mesmas linhas ideológicas, diz, publicamente, ter um outro manuscrito, elaborado por Tamar. Assim, como fez Haroldo, ela lê em primeira pessoa, apresentando a mesma história bíblica, mas sob o ponto de vista da mulher que ficou universalmente conhecida como ardilosa e estrategista.

Diante de pontos de vistas diferentes, mas complementares, é possível entender um pouco melhor a relação entre os dois professores-pesquisadores que, semelhantes às personagens bíblicas, passam por encontros e desencontros em suas jornadas.

2 Materialidades

O livro de Moacyr Scliar está disponível para a leitura em diferentes suportes e formatos: capa comum, *e-book* (AZM), audiolivro (MP3) e digitalizado (PDF). Cada tipo de materialidade tem um preço diferente: o exemplar novo em capa comum, em brochura, custa em média R\$ 39,99 nas livrarias, mas pode ser encontrado em sebos até por R\$ 9,99; o *e-book*, para *Kindle*, custa R\$ 27,50 na Amazon; o audiolivro está por volta de R\$ 24,90, dependendo da loja virtual, e o livro digitalizado pode ser baixado de graça na internet em *sites* de compartilhamento de arquivos.

No que se refere ao tamanho do texto, a obra tem:

¹ O ato de ler em voz alta para outras pessoas retoma uma prática leitora muito comum na história da leitura. Até à Idade Média, segundo Chartier (2009), esta é a principal forma de acesso aos textos.

- 216 páginas em capa comum e digitalizado, variando em *e-book* devido às possibilidades de configurações de leitura;

- 797 KB em PDF e 1704 KB em *e-book*, e

- 9h20min em audiolivro.

A disposição da narrativa em PDF é semelhante ao da capa comum, mas a experiência de leitura não. Pelo fato de ser estático e não permitir ajuste de fonte, como no *Kindle*, o livro digitalizado - para ser lido em *smartphone* ou *tablet* por meio do Acrobat Reader - exige que o leitor fique dando *zoom*, o que não é tão confortável, comparado ao papel pólen (sensação de aconchego para os olhos).

Por mais que o número de páginas do *e-book* possa ser diferente de um livro impresso, a prática leitora se aproxima bastante, haja vista que, além do efeito de *page flip*, é possível grifar trechos, fazer comentários, marcar a página em que parou etc.

Indiferente de qual seja a configuração devido ao formato e ao suporte, é importante sublinhar que o texto do *Manual da paixão solitária* apresenta-se na íntegra, sem quaisquer modificações no conteúdo em todas as versões disponíveis no mercado editorial.

De acordo com Chartier (2009), as transformações dos suportes, ao longo da história, impactam as práticas leitoras, como se percebe ao comparar a experiência com o livro tradicional e o audiolivro. Essa pode ser feita enquanto se dirige o carro, já a outra não.

No tocante ao número de exemplares vendidos, segundo os dados fornecidos pelo *site* da Amazon, em 2 de junho de 2019, não há uma disparidade tão grande entre capa comum e *e-book*. No *ranking*, o livro impresso fica no 115.417º lugar, enquanto o digital, na loja *Kindle*, em 107.715º. Quando entramos na categoria de livros de ficção, as posições se aproximam mais ainda. O livro físico fica em 3.722º lugar; e o *e-book*, em 3.797º.

Isso demonstra que, apesar de muitos não acreditarem, há várias pessoas escolhendo ler em dispositivos de tecnologia móvel. Por outro lado, esses mesmos números demonstram também que, por mais que esses sujeitos tenham incorporado o suporte digital em suas práticas leitoras, eles não deixam de comprar o livro impresso.

No *site* da Amazon, também é possível observar a opinião dos leitores sobre a obra em questão - seja capa comum ou *e-book* - e ver com quantas estrelas ela foi avaliada. Até a referida data de consulta, há somente 4 avaliações, sendo que três delas são 5 estrelas e uma com 1. Quando lemos o comentário da única pessoa que avaliou mal o livro, percebemos que essa avaliação vai além do conteúdo da obra, estilo de escrita ou qualquer outro traço interno do texto, mas se preocupa em avaliar o suporte e sua relação com o preço:

excelente livro! Quanto ao conteúdo, eu daria 4 estrelas, mas por esse preço... [título da avaliação]

Livro bem interessante e bem escrito. Mas um e-book por esse preço não se justifica. Quase o preço de um hardcover. Fica aqui o meu protesto. E ainda dizem que o criminoso é quem pirateia. (se concorda comigo, ajude a espalhar essa mensagem).²

² Opinião do leitor (05 out. 2015). Disponível em: https://www.amazon.com.br/gp/customer-reviews/R2S3TCC9S41LOH/ref=cm_cr_srp_d_rvw_ttl?ie=UTF8&ASIN=8535913556. Acesso em: 02 de jun. de 2019.

O cliente-leitor acredita que, por ser uma obra digital, o preço deve ser bem mais barato que o de capa comum. O espaço, portanto, que seria utilizado para uma avaliação do conteúdo acabou sendo usado para mobilizar um protesto.³ É interessante também notar que as três outras pessoas que avaliaram o livro curtiram o comentário citado, o que sugere que concordam com a reivindicação do alto preço do *e-book*.

Assim como os apontamentos desses leitores, possivelmente, impactam de alguma forma novos compradores, certos textos publicados na mídia também acabam funcionando como estratégias de *marketing*: entrevista com Moacyr Scliar e notícia sobre a premiação. A primeira matéria foi publicada no mesmo dia do lançamento do livro (24 de novembro de 2008), em página inteira, no Caderno 2 (*Folha de São Paulo*). A segunda foi divulgada no *UOL Online*, em 04 de novembro de 2009, quando o livro recebeu o prêmio Jabuti na categoria de melhor obra de ficção. Nos dois casos, os textos foram escritos para enaltecer a qualidade literária.

Mesmo que as avaliações - tanto do leitor comum quanto do jornalista - sejam bastante positivas, isso não garante uma experiência de leitura favorável. No nosso caso, como não houve uma identificação com o tema do livro, a obra só foi lida com êxito, porque havia objetivos: produção de um trabalho acadêmico.⁴

Para Kleiman (2009, p. 29 e 30):

A compreensão, o esforço para recriar o sentido do texto, tem sido várias vezes descrito como um esforço inconsciente na busca da coerência do texto. A procura de coerência seria um princípio que rege a atividade de leitura e outras atividades humanas. Ora um dos caminhos que nos ajudam nessa busca é o engajamento, a ativação de nosso conhecimento prévio relevante para o assunto do texto. Um outro caminho [...] é o estabelecimento de objetivos e propósitos claros para a leitura. (KLEIMAN, 2009, p. 29-30)

3 Construção dos sentidos

Em uma reflexão sobre os aspectos subjetivos (apreciação) e objetivos (investigação) da leitura de *Manual da paixão solitária*, coloca-se em jogo experiência literária x processamento textual. Se por um lado não houve identificação imediata (sentimento que disparasse a vontade de apreciar o livro); por outro, o contato com a obra foi feito de maneira bastante cautelosa (reflexão sobre leitores e leituras a partir do referido exemplar literário).

Mesmo sem qualquer afinidade com textos bíblicos, identificamos a releitura do capítulo 38 da *Gênesis* e percebemos que Moacyr Scliar construiu sua narrativa, nos conduzindo pelas aventuras de Shelá e Tamar, como forma de enredar/amarrar a história das personagens Haroldo e Diana.

³ Será que a avaliação negativa do leitor influencia outros possíveis compradores da obra? Será que alguém que está procurando por um novo *e-book* acaba não adquirindo o livro de Moacyr Scliar a partir da queixa quanto ao alto preço?

⁴ Produção deste ensaio como parte da avaliação da disciplina de doutorado *Leituras e leitores na literatura brasileira* (UPM).

A dualidade entre o prazer de ler e o prazer da investigação coloca ainda mais em evidência o conceito de *experiência*, que segundo Larrosa (2012) é algo que nos atravessa e deixa marcas. Ele diz que, para que a experiência aconteça, é necessário que a pessoa esteja na posição de exposição e de abertura para os acontecimentos:

Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. [...] Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. O sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto”. [...] Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. (LARROSA, 2015, p. 25-26)

Larrosa (2015) destaca que a experiência é um encontro único que deixa marcas exatamente pela posição em que a pessoa se coloca em relação ao acontecimento. A leitura pode ser, portanto, uma experiência desde que o leitor se coloque em situação de exposição, de abertura, de preparação para esse acontecimento.

Manual da paixão solitária começou, para nós, como desafio: não era um livro que *a priori* nos colocava em posição de abertura para a experiência, pois não tínhamos interesse por esse tipo de proposta literária, assim, achávamos. Então, a exposição necessária para o acontecimento da experiência leitora só foi se dando com a busca dos propósitos da leitura.

O momento em que o ato de ler passou a se configurar como uma verdadeira experiência aconteceu quando Shelá começou a descrever a sua relação com a escrita. A partir desse trecho, a obra foi ao encontro de nossas inquietações enquanto pesquisadoras: Qual o poder da escrita literária? Como funciona a mente de um escritor? O que ele imagina de seus leitores durante o processo da escrita? Quais mecanismos utiliza para a construção de um texto plurissignificativo?

O livro supracitado foi, pouco a pouco, tornando-se mais atrativo, porque também estava abordando, de forma literária, assuntos do universo teórico que bastante nos interessam. A percepção de que a experiência de escrita de Shelá é algo pessoal e novo para a sua sociedade, figurando-se como a ficcionalização de discussões sobre o ato de escrever (vozes no texto) e o papel do leitor na construção dos sentidos (coautor), trouxe para nós uma reflexão sobre os nós que conectam a obra, um verdadeiro convite para experimentar a complexidade do texto que ultrapassa os acionamentos dos sistemas de conhecimento (linguístico, textual e enciclopédico).

Kleiman (2009), ao discutir sobre a importância dos objetivos da leitura no processamento textual, destaca que os conhecimentos prévios ajudam na construção dos

sentidos, o que para nós esteve diretamente conectado à experiência. Consoante a autora, os conhecimentos linguísticos possibilitam um maior domínio do texto, pois quanto mais se entende como funciona a língua, maior a facilidade de compreender o que está escrito; os conhecimentos textuais, por sua vez, permitem o entendimento dos objetivos que um dado texto possui com a sua escrita e leitura; os conhecimentos de mundo (enciclopédico) favorecem uma gama de conexões entre o que está escrito e o mundo ao redor, alargando as camadas de significação.

Apesar de *Manual da paixão solitária* trazer desafios para as nossas leituras no que se refere à ativação de conhecimentos prévios do universo bíblico, o fato de sermos leitoras assíduas de literatura (conhecimentos linguísticos e textuais) garantiu o reconhecimento de outras intertextualidades presentes no texto, como o mito de Atalanta e Hipomenes, contribuindo para uma vivência rica e cheia de enredamentos.

Nesse exercício de mobilizar diferentes conhecimentos para tecer os sentidos, constatou-se que o maior desafio não foi a falta de conhecimento sobre a Bíblia, mas lidar com a estrutura narrativa hipertextual e o formato do livro (arquivo digitalizado e salvo em PDF).

O livro em questão é uma grande rede textual que alinhava a Bíblia com outras expressões culturais, sociais e políticas, formando assim um novo texto, cujos fatores internos (tessitura) apresentam a história de um menino que pensa e reflete sobre sua própria história e vai conseguindo tirar conclusões acerca de si mesmo, da vida e das tradições familiares. Inspirado, portanto, no capítulo 38 do *Gênesis*, Moacyr Scliar expande a narrativa bíblica, completando as lacunas, de modo a conversar com a realidade externa inter- e hipertextualmente.

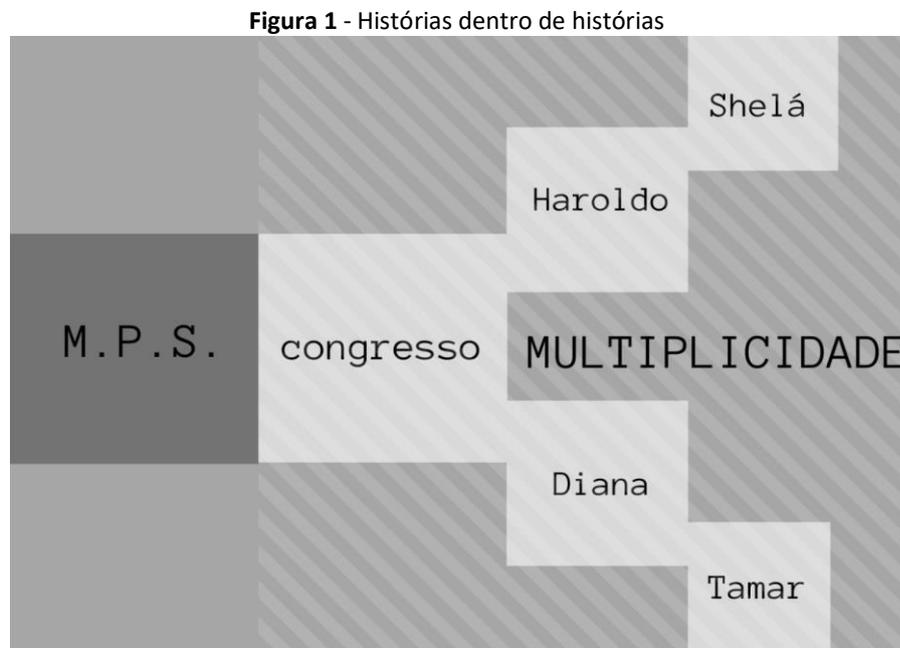
Essas diversas conexões, feitas pelo autor gaúcho para formar a história do seu premiadíssimo livro, convidam o leitor a participar da construção da narrativa, ou melhor, das narrativas, pois são pelo menos duas inseridas em um contexto maior. Tal processo interativo de ativação de *links* e de nós garante ao exemplar literário uma arquitetura hipertextual. No prefácio do *Leituras do hipertexto: viagem ao Dicionário Kazar*, de Raquel Wandelli, 2003, página 19, Dilvo I. Ristoff traz considerações importantes sobre esse tipo de construção textual:

O hipertexto é um processo de leitura e escrita, uma potencialidade que pode ou não ser ativada em determinado meio. Para Wandelli é, pois, falsa a dicotomia entre o livro impresso e o meio eletrônico em termos de oposição binária entre o velho e o novo. As narrativas contemporâneas mostram que o livro impresso também mudou e que a mudança, iniciada de forma dramática nas últimas décadas, não só responde às novas tecnologias da era da informática como de certa forma antecipa algumas de suas estratégias e possibilidades.

Em *Manual da paixão solitária*, como se observa a seguir, há duas narrativas distintas que se unem em um contexto: o congresso bíblico. A partir da apresentação desse evento acadêmico, feita pelo narrador, conhecemos a história de Haroldo e Diana, que antes mantinham uma relação de professor-aluna e depois de colegas de profissão. A divergência

de ideologias, no entanto, adiou o encontro íntimo que eles sempre desejaram ter. Tal desencontro amoroso entre os dois historiadores relaciona-se com as narrativas de Shelá e de Tamar, que foram lidas para os congressistas⁵.

O esquema abaixo mostra um pouco mais como funciona a construção da história, destacando a noção de hipertextualidade.



Fonte: Elaboração própria

Como observado, *Manual da paixão solitária* é um romance que figura com uma grande rede hipertextual devido à multiplicidade de vozes, de perspectivas e de narrativas. Segundo Calvino (1990, p. 138), “quanto mais a obra tende para a multiplicidade dos possíveis mais se distancia daquele *unicum* que é o *self* de quem escreve”, ou seja, por mais que se aproprie da Bíblia, o tecido literário escrito por Moacyr Scliar ganha outros contornos.

Wandelli (2003, p. 24) nos faz lembrar que o texto hipertextual não é algo recente que chega junto com o advento do computador, mas uma construção de tempos remotos⁶: “Cervantes, ele mesmo, já explora em *Dom Quixote* alguns recursos hoje incorporados e potencializados no hipertexto.” De acordo com a pesquisadora, “A rede imensa do velho *Dom*

⁵ A paixão platônica entre esses dois professores-pesquisadores conecta-se com os supostos manuscritos que se conectam com a história bíblica. É interessante ressaltar que os manuscritos que parecem ter sido escritos pelas personagens bíblicas Shelá e Tamar foram na realidade elaborados por um amigo escritor em comum dos professores-palestrantes.

⁶ Em uma tentativa cronológica de tentar estabelecer as origens da hipertextualidade, classificam-se a *Bíblia*, *As mil e uma noites*, *a Divina comédia*, *Ulysses*, *Madame Bovary*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Se um viajante numa noite de inverno*, entre outras obras, como arquiteturas hipertextuais, nas quais são permitidas múltiplas entradas e saídas a partir de um jogo interativo. Lévy (1993) cita a enciclopédia como um grande exemplo de escrita e leitura hipertextuais, devido às suas inúmeras ferramentas de orientação: sumários, quadros de sinais, thesaurus (dicionário de sinônimos), atlas, notas de rodapé, remissão para o glossário por um asterisco etc. Dessa forma, verifica-se que o hipertexto não se constitui somente de uma trama cheia de bifurcações, pois os elementos paratextuais também são nexos de conexão.

Quixote mostra que os romancistas nunca se limitaram ao modelo aristotélico princípio-meio-fim e buscaram reincidentemente formas mais elásticas para expor suas narrativas fora do jugo da sequencialidade.” (WANDELLI, 2003, p. 24)

Nesse sentido, assim como a famosa história *As mil e uma noites*, que traz uma série de narrativas dentro da narrativa principal, o livro *Manual da paixão solitária* pede um determinado perfil de leitor: aquele que se conecta “[...] entre nós e nexos, em um roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir” (SANTAELLA, 2004, p. 33).⁷

Para Wandelli (2003, p. 42):

A forma rizoma é, ao mesmo tempo, o que ameaça e liberta a obra de uma lógica linear, desacomodando leituras passivas, em que o livro funciona como espelho de identificação narcisista. Imbuído de poderes sobre o texto, o leitor pode interagir e refletir sobre o processo de produção textual. Adquirindo ele próprio um devir de escritor, esse leitor ativo não deve mais à prática literária a mera tarefa de interpretação – é sua produtividade que interessa.

4 Considerações Finais

Em linhas gerais, as narrativas presentes em *Manual da paixão solitária* proporcionam essa ligação de sentido entre a história de Haroldo e a história de Shelá, assim como também aproxima o percurso de Diana com o percurso de Tamar. Enquanto os homens vivem apaixonados por mulheres que não podem ter, as mulheres arranjam um modo de conseguirem o que querem e o que acreditam ser justo por meio de planos e artimanhas.

O nosso encontro com o livro *Manual da paixão solitária*, de Moacyr Scliar, foi uma aventura cheia de obstáculos, os quais acabaram sendo superados com prazer e satisfação ao longo da leitura. A escolha de ler o livro em formato digitalizado (PDF), no *smartphone*, tornou-se, então, o único entrave do começo ao fim, haja vista que não conseguimos fazer anotações no próprio texto. O pouco conhecimento de mundo sobre histórias bíblicas que, inicialmente, colocava-se como grande empecilho para a experiência de leitura não atrapalhou no processamento textual devido ao nosso interesse investigativo de se pensar os vários tipos de livros, de leituras e de leitores que emergem da obra em estudo.

Na imersão pelos nós que conectam narrativas, percebemos que nós podemos: 1. ter diferentes práticas leitoras de acordo com a materialidade do livro; 2. atingir camadas de leituras diferenciadas em razão dos conhecimentos prévios; 3. alcançar uma rica experiência de leitura a partir de objetivos e não apenas de aspectos subjetivos; 4. reconhecer, como hipertexto, um romance que é tecido na perspectiva da multiplicidade, e 5. compreender que o leitor imersivo não é um perfil apenas ligado ao universo dos computadores.

⁷ Para Santaella (2004), os perfis leitores não se limitam aos períodos históricos, mas se organizam pelos aspectos cognitivos, sensoriais e perceptivos mobilizados durante a leitura. Segunda a autora, quanto maior a interatividade com o texto, mais profunda será a experiência de imersão.

Referências

- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 2008.
- KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 2009.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: _____. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- LEVY, Pierre. **A inteligência colectiva: para uma antropologia do ciberespaço**. Lisboa: Ed. Instituto Piaget. 1993.
- RISTOFF, Dilvo I. Prefácio. In: WANDELLI, Raquel: **Leituras do hipertexto: viagem ao Dicionário Kazar**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SCLIAR, Moacyr. **Manual da paixão solitária**. São Paulo: Companhia da Letras, 2008. [lelivros.site]
- WANDELLI, Raquel: **Leituras do hipertexto: viagem ao Dicionário Kazar**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.

Como citar

MEDEIROS, Juliana P. S.; PAVAN, Jussane C. O. Sobre nós: os livros, as leituras e os leitores do “Manual da paixão solitária”. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 23-31, jan./jun. 2020.

